

## CIDADÃOS: MAS NÃO CIDADÃS!

Rui Ribeiro de CAMPOS

Uma das discussões mais importantes atualmente no (e para o) Brasil é a questão da cidadania. A própria necessidade de combater o neoliberalismo, a tecnocracia, enseja um retornar da reflexão e do debate sobre o humanismo, sobre o conceito de cultura.

E os fundamentos de um humanismo hoje reclamado se encontram no pensamento grego.

A Grécia tinha no relevo um sério obstáculo à unidade; a porção continental é recortada por inúmeras cadeias de montanhas, o que dificultava a comunicação. As planícies e vales férteis mal chegam a vinte por cento. O relevo recortado da península e as numerosas ilhas (mais de quatrocentas) aproximaram a Grécia do mar.

Como os vales não possibilitavam uma grande ampliação da produção de alimentos, fato que dificultava abrigar grandes contingentes populacionais, a civilização grega acabou se desenvolvendo a partir de cidades que não controlavam diretamente grandes extensões: as cidades-estado: Quando o crescimento demográfico atingia o limite da capacidade de produção, havia emigração e fundação de novas cidades, semelhantes às de origem. Esse processo levou a cultura grega a boa parte do Mediterrâneo. Nessa apropriação de espaços, exportaram um modo de civilização urbana, uma cultura que marcou a história do chamado mundo ocidental.

Porém, quando nasce a Razão grega? O que ela deve ao mito e como dele se libertou? Qual a relação entre o advento da Polis e o nascimento da filosofia? A sociedade influenciou a ciência de Mileto ou foi vice-versa? O que distingue a Razão grega da de hoje?

A resposta a estas e a outras questões pode ser encontrada no livro **As origens do pensamento grego**, de Jean-Pierre Vernant (edit. Bertrand Brasil, 95, p., tradução de Isis Borges B. da Fonseca). O francês J. P. Vernant, da Ecole Pratique de Hautes Études (Paris) e que já ministrou um curso na Universidade de São Paulo em 1971, é um especialista no assunto.

O livro, dividido em oito capítulos, começa com o quadro histórico, partindo da invasão dos minios, entre 2.000 e 1.900 a.C. na Grécia Continental. Passa pelos hititas, pela realeza micênica e pela chegada dos dórios. Analisa o surgimento da polis e seu universo espiritual, a crise da cidade e a tradição mais ou menos mítica dos Sete Sábios e como a efervescência religiosa preparou o esforço de reflexão moral, orientado por especulações políticas, para desembocar na nova imagem do mundo, com destaque para a obra de Anaximandro.

Pouco analisa o fato de a divisão da sociedade não ser somente entre classes sociais mas também entre os sexos; as mulheres (de todas as classes) não eram consideradas cidadãs da polis. Em Atenas, o lugar da esposa era a reclusão no lar e normalmente não aparecia em público com o marido; os homens precisavam de alguém para tomar conta da casa e de esposas legais para garantir alguns filhos legítimos e/ou adquirir, por meio de dote, alguma propriedade. Até nas peças de teatro eram atores masculinos, com máscaras, que representavam personagens femininas. Em Esparta, a situação era menos pior, possuíam mais liberdade, porém decorrente principalmente da ausência do marido. As mulheres chegavam a participar de jogos, a praticar exercícios ginásticos mas pela necessidade de se prepararem fisicamente para gerar filhos sadios; ou seja, aptos para a guerra.

Contudo, a leitura facilita o entendimento do chamado "período áureo grego". O que dificulta são alguns cuidados que a edição brasileira podia ter tomado, como a inclusão de mapas, principalmente nos capítulos iniciais. Alguns termos gregos (assim como algumas expressões) poderiam ser melhor traduzidos; outros, não constantes dos dicionários mais usados no país, deveriam ter explicações em notas de rodapé. Ao autor, que mostra uma notável erudição sobre o tema, faltou o cuidado de colocar as datas de nascimento e morte (mesmo que presumíveis) da maioria das personagens citadas e uma análise da razão da exclusão das mulheres da "agora", da cidadania. No entanto, realizou um estudo importante sobre os fundamentos da polis, sobre as bases de nossa cultura.